

CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO NA PUCRS (DOUTORADO)

Instituto de Letras e Artes

- Teoria da Literatura
 - Linguística Aplicada
 - * Credenciado pelo Parecer nº 846/85 do C.F.E. de 05/12/85
- Informações: ILA - Fone: (051) 339-1511 - Ramal 3176

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

- História Ibero-Americana
 - História do Brasil
 - Arqueologia
 - * Criado pelo Conselho Universitário em 02/10/86. Processo de credenciamento em tramitação no C.F.E.
- Informações: IFCH - Fone: (051) 339-1511 - Ramal 3295

Faculdade de Odontologia

- Estomatologia Clínica
 - * Criado pelo Conselho Universitário em 10/12/87. Processo de credenciamento em tramitação no C.F.E.
- Informações: FO - Fone: (051) 339-1511 - Ramal 3123

Faculdade de Medicina

- Diversas áreas médicas
 - * Aprovado pelo COCEP - Parecer nº 13/87 de 05/11/87 e criado pelo Conselho Universitário em 10/12/87. Processo de credenciamento em tramitação no C.F.E.
- Informações: FMED - Fone: (051) 339-1322 - Ramal 2325

Faculdade de Educação

- Educação
 - * Aprovado pelo Conselho Universitário - Parecer nº 13/87 de 10/12/87. Processo de credenciamento em tramitação no C.F.E.
- Informações: FED - Fone: (051) 339-1511 - Ramais 3220 e 3235

Instituto de Biociências

- Zoologia
 - * Aprovado pelo COCEP - Parecer nº 10/11 de 05/09/91 e criado pelo Conselho Universitário em 19/09/91. Processo de credenciamento em tramitação no C.F.E.
- Informações: IBIO - Fone: (051) 339-1511 - Ramal 3148

O LEITOR COMO INTÉRPRETE DAS PISTAS QUE O ESCRITOR INSERE NO TEXTO: A LEITURA ORAL EXPRESSIVA*

José Marcelino Poersch
ILA - PUCRS

Alda Nivete Oliveira Muneroli
UCS-CEPLIN

RESUMO

Duas premissas embasam o presente estudo. A primeira afirma que as conexões entre leitura e escritura são explicadas, em parte, pelos aspectos sócio-pragmáticos da língua, aspectos que consideram o ato de interação linguística como o resultado de um empreendimento cooperativo. Escritor e leitor devem estabelecer entre si certas convenções. De acordo com uma dessas convenções, o leitor espera encontrar no texto as pistas que o orientam na construção do sentido pretendido pelo autor. A segunda premissa admite que o leitor, para realizar uma leitura oral expressiva de um texto, deve compreendê-lo em toda sua extensão e profundidade. Com base nessas premissas, procuram-se evidências empíricas para a conjectura da existência de uma associação entre leitura oral expressiva e compreensão.

ABSTRACT

Two main assumptions lend logicity to the present research. On one hand, it is assumed that writing/reading connections are established by the socio-pragmatic aspects that consider the act of linguistic interaction as a result of a cooperative undertaking. Writer and reader must agree to certain conventions. Writers include in their text all necessary cues that readers expect to encounter in order to construct the meaning intended by the writers. On the other hand, it is assumed that readers must have an exact comprehension of a particular text in order to give to oral reading its correspondent expressiveness. Based on these assumptions, it is tried to find empirical evidence to the hypothesis that there exist a significant association between expressive oral reading and comprehension.

* Este artigo condensa as idéias expressas na comunicação "Punctuation, reading aloud, and comprehension" (XV Congresso Internacional de Linguistas, Quebec, 1992) e na comunicação "Punctuation as a link between the reading and the writing process" (X Congresso Mundial da AILA, Amsterdã, 1993).

1. ABORDANDO O ASSUNTO

O aspecto sócio-pragmático da interação verbal explica, em parte, a estreita relação que a escritura mantém com a leitura. Na verdade, a comunicação lingüística constitui um empreendimento cooperativo: o escritor somente consegue comunicar-se efetivamente com seus leitores na medida em que concordar com certas convenções. Essas considerações nos levam a pleitear a existência de certas regras restritivas entre leitor e escritor.

O escritor, ao produzir um texto, nele procura inserir todas as pistas necessárias para facilitar, ao leitor, a exata compreensão desse texto. O leitor, por sua vez, espera encontrar as pistas que o guiem à construção do sentido. Isso reforça a idéia de que o escritor lida com uma linguagem compartilhada com seu virtual leitor.

Presume-se, portanto, que os leitores se beneficiem de todas as pistas que o escritor insere no texto. Os sinais de pontuação constituem, ao lado dos mecanismos coesivos da ordenação sintática, da própria disposição textual, e de outros, um exemplo típico dessas pistas. Esses sinais de pontuação atuam como trilhas que conduzem o leitor ao verdadeiro sentido; a função primária da pontuação é guiar leituras. A leitura em voz alta favorece uma pontuação mais exata de um texto (Smith, 1991). Um texto devidamente pontuado facilita a compreensão; e a compreensão também é favorecida por uma conscientização do significado que os diversos sinais de pontuação representam na construção do sentido (Pasquetti, 1992).

A leitura oral poderá ser mais ou menos expressiva de acordo com a compreensão que o leitor tiver do texto, mediante a utilização desses sinais orientadores. Isso nos leva a pleitear uma associação entre a leitura oral que um sujeito faz de um texto e o teor de compreensão que ele tem do mesmo texto.

2. LEITURA EM VOZ ALTA, PISTAS ORIENTADORAS E COMPREENSÃO

Todo tipo de comunicação lingüística constitui um "empreendimento cooperativo" (Clark & Haviland, 1977: 1). O utente da língua não se comunica efetivamente a não ser aderindo a certas convenções. Essas convenções não dizem somente respeito àquilo que ele diz ou escreve mas também à maneira como o faz. Grice (1967) enfeixa essas convenções sob o rótulo de "Princípio Cooperativo". Assim considerando, a comunicação lingüística (oral ou escrita) é regida por um contrato social, por regras sociais tácitas entre falante e ouvinte bem como entre escritor e leitor. Com base nessas

regras, um escritor produz um texto da maneira como ele acha que o leitor o lerá; igualmente, um leitor deve ler o texto da maneira como o escritor o escreveu, isto é, deve colocar-se no lugar do escritor (Smith, 1983: 563) para compreender o texto da maneira como o escritor pretendeu que ele fosse compreendido. A partir dessas premissas, infere-se que a compreensão é o fim primeiro, é a razão de ser de todo ato de comunicação.

A compreensão (leitura), segundo Poersch & Amaral (1989: 77), constitui

Um processo ativo de comunicação que leva o leitor a construir, intencionalmente, em sua própria mente, a partir da percepção de signos gráficos e da ajuda de dados não visuais, uma substância de conteúdo equivalente àquela que o autor quis expressar, através de uma mensagem verbal escrita.

A construção do sentido, na leitura, realiza-se com base em dados expressos no texto (explícitos), em dados omitidos no texto embora façam parte do mesmo (implícitos), e em dados não pertencentes ao texto mas relativos à situação de produção, ao contexto (metaplícitos), segundo Poersch (1991: 131).

Embora a compreensão constitua o fim imanente do ato de ler, este encontra-se integrado por diversas atividades fisiopsicológicas, dentre as quais destacam-se (Poersch, 1979) a recodificação, a decodificação e a interpretação.

A recodificação consiste na passagem de um código para outro, na substituição dos signos verbais escritos por signos verbais orais – relacionado com a articulação sonora. A decodificação consiste em dar um significado aos signos assim recodificados, quer no nível lexical, quer no nível frasal, quer no nível textual. Finalmente, a interpretação toma em consideração os aspectos pragmáticos ligados a todo ato de fala.

Entendemos por leitura oral expressiva a atividade que engloba, além da recodificação, outros aspectos ligados especificamente à compreensão do texto e que servem de orientação ao ouvinte para construir, com maior justeza, a informação veiculada pelo texto escrito: ritmo e entonação. Esses aspectos são parte integrante da fala e são somente, de forma parcial, indicados no texto escrito. A pontuação, na escrita, relaciona-se, em parte, com esses aspectos. Muitos outros aspectos prosódicos da fala, no entanto, não tem contraparte na escrita. Esses, a partir do texto escrito, somente serão inseridos na leitura oral expressiva através da compreensão que o leitor tiver do texto.

A importância da pontuação no texto escrito aparece muito bem enfatizado por Fetal (apud Lorenceau, 1980: 50)

A pontuação é muito necessária para a orientação daquele que deve fazer a leitura, seja de um manuscrito, seja de um impresso. Ela leva-o a distinguir facilmente o sentido e mostra-lhe onde pode fazer pausas, a fim de respirar o tempo necessário para continuar confortavelmente a leitura.

A leitura oral expressiva não é somente uma leitura oral, isto é, uma mera recodificação, a passagem de um signo verbal gráfico para um signo verbal oral. A dicção, aspecto mais comumente ligado a essa recodificação, embora faça parte essencial da leitura oral, não está diretamente ligada à compreensão propriamente dita. Essa dicção, segundo Silveira Bueno (1958: 718), "é a arte que torna a palavra distinta, isto é, dá-nos o hábito de pronunciar os vocábulos com a máxima perfeição mecânica possível"; é um dos fatores que contribuem para a clareza e a expressividade da elocução.

Os desvios cometidos nesse aspecto – má articulação, omissões, inserções e trocas – interferem numa boa expressividade, são variáveis necessariamente tomadas em consideração, porém não constituem o aspecto central.

O alvo de uma leitura oral expressiva é um terceiro sujeito, distinto do leitor e do escritor, efetivamente presente ou representado pelo próprio leitor que passa a ser o ouvinte da própria leitura. Allcnde e Condemarin (1987: 105) enfatizam esse aspecto social ao afirmarem que

(...) a leitura oral é uma atividade mais difícil do que a leitura silenciosa. O leitor deve reconhecer todas as palavras, expressá-las verbalmente, usar o fraseado adequado, prescrito pelos sinais de pontuação, dar a entonação correta, adaptar a expressão, a altura da voz e a velocidade ao ritmo dos ouvintes para ser bem escutado e compreendido.

Isso dito em outras palavras: o leitor que faz uma leitura oral expressiva, na realidade, exerce uma função de mediador entre o escritor e um ouvinte. Esse ouvinte só tem contato com o texto do escritor mediante os signos orais e a prosódia de elocução produzidos pelo leitor e captados por ele.

É exatamente na qualidade de mediador que se situa o ponto crucial da questão analisada pela presente pesquisa. Para que o ouvinte construa a substância de conteúdo – o sentido – que o escritor pretendeu veicular é necessário que a ele cheguem todas as pistas exigidas para tanto. Essas pistas correspondem aos traços suprasegmentais – traços que fazem parte do contrato social da comunicação oral – sintetizados, basicamente, nos traços de ritmo e entonação na elocução do discurso. O ritmo corresponde à cadência – pausas, velocidade, duração, intensidade – enquanto a entonação corresponde à linha melódica da voz.

Alguns desses traços elocutivos podem ser codificados graficamente – como certas pausas e entonações, através da pontuação –, outros não, embora pertençam ao código oral. O que, entretanto, convém ser ressaltado e que constitui o âmago da questão é que o leitor, para emprestar a maior expressividade a sua leitura oral, necessariamente deve ter a compreensão exata do que lê. É nessa encruzilhada que convergem as duas trajetórias, a compreensão e expressividade. É devido a esse ponto de convergência que se aventa a hipótese da existência de uma associação entre leitura oral expressiva e compreensão.

Essa associação pode ser analisada sob dois ângulos. De um lado,

pode-se analisar a leitura oral expressiva como variável facilitadora da compreensão. É esse ângulo que Mattoso Câmara (1985:21) ressalta quando escreve sobre a função expressiva do tom:

É tal sua importância na linguagem que, na língua escrita, onde ela não pode figurar, temos que recriá-lo na leitura mesmo mental para podermos apreciar e até compreender o texto. A leitura em voz alta na escola primária tem principalmente por fim dar-nos a capacidade de espontaneamente emprestar o tom adequado às palavras escritas que temos diante de nós e sem o qual elas ficam irremediavelmente mutiladas.

Do outro lado, e é aí que reside nosso atual interesse, essa associação pode ser analisada sob outra faceta: leitura oral expressiva como indicadora de compreensão.

Da plausibilidade que esse raciocínio empresta a nossa hipótese, podem ser tecidos os seguintes comentários. A hipótese geral de que existe uma relação entre a leitura oral expressiva e a compreensão pode ser operacionalizada em duas hipóteses mais específicas: essa leitura oral expressiva constitui elemento facilitador da compreensão – afirma a relação causa-efeito – que pode ser verificada através de um experimento, com a manipulação da variável independente – ou elemento indicador da compreensão. A presente pesquisa objetiva avaliar não a primeira mas, sim, a segunda.

É evidente que essa segunda hipótese operacional pode ser ainda mais especificada. Considerando que a variável independente – escore de leitura oral expressiva – está integrada por três fatores – dicção, ritmo e entonação –, essa associação pode ser analisada separadamente em relação a cada um desses fatores. Ainda considerando que a dicção constitui um componente mais diretamente ligado à recodificação do texto – atribui signos orais aos signos gráficos –, ao passo que o ritmo e a entonação estão mais ligados com a decodificação – construção do sentido –, hipotetizamos que os segundos componentes se relacionam mais à compreensão do que o primeiro.

3. AS HIPÓTESES EM ESTUDO

Baseado nas considerações teóricas precedentes, as hipóteses operacionais desta pesquisa foram estabelecidas da seguinte maneira:

- a) o componente dicção (D) não se correlaciona (r) significativamente com a compreensão (c);

$$r_{DC} < .45$$

b) o ritmo (R) e a entonação (E), separadamente, correlacionam-se (r) positivamente com a compreensão (C):

$$\left| \begin{array}{l} r_{EC} \\ r_{RC} \end{array} \right| > .45$$

c) ritmo e entonação, juntas (RE), apresentam, em relação à compreensão, um coeficiente de correlação mais significativo do que esses componentes tomados separadamente:

$$r(RE) > \left| \begin{array}{l} r_{RC} \\ r_{EC} \end{array} \right|$$

4. PROCEDIMENTOS E RESULTADOS

Os sujeitos para a presente investigação foram vinte alunos da oitava série do primeiro grau de uma escola urbana, emparelhados quanto às variáveis de sexo e de nível sócio-econômico-cultural. O material consistiu de um texto cloze, para verificar a compreensão em leitura, e de gravações individuais de leituras orais, para o levantamento da expressividade. O texto, para ambos os casos, consistiu de um trecho expositivo.

O texto cloze foi corrigido na base da resposta exata. Os escores de compreensão, com seus devidos postos, aparecem na tabela I.

TABELA 1 - ESCORES DE COMPREENSÃO E SEUS POSTOS CORRESPONDENTES

Sujeitos	Escore	Postos
1	44	2
2	32	11
3	34	8
4	30	14
5	29	16
6	37	5
7	32	11

8	30	14
9	34	8
10	21	19
11	35	7
12	34	8
13	47	1
14	37	5
15	19	20
16	42	3
17	38	4
18	26	18
19	29	16
20	32	11

A leitura oral expressiva, sobre o mesmo trecho utilizado no teste de compreensão, foi realizada individual e separadamente, sendo alvo de gravação. A expressividade foi levantada considerando-se três componentes: dicção, ritmo e entonação. Esse levantamento consistiu numa análise comparativa entre uma leitura oral expressiva ideal, gravada por um comunicador de rádio, e a leitura obtida por cada sujeito. Para cada componente, foram registrados os desvios observados. O registro dos desvios obedeceu à seguinte sistemática. Para cada sujeito usou-se uma cópia do texto. É nesse texto que se registraram, através de sinais específicos, os desvios cometidos em relação à leitura padrão. O sujeito com menor número de desvios foi considerado o melhor leitor expressivo.

O componente dicção teve observados os seguintes aspectos:

- clareza: falta de nitidez ao pronunciar um vocábulo, ocasionada por má recodificação das letras, acarretando uma inexata realização de fonemas e uma dificuldade em discriminar auditivamente as palavras;
- omissão de fonemas, sílabas e/ou vocábulos que, embora representados graficamente no texto, foram omitidos na leitura;
- inserção de fonemas, sílabas e/ou vocábulos; é o caso inverso do anterior, isto é, há produção oral de algo que não tem correspondente gráfico;
- troca de fonemas, sílabas e/ou vocábulos.

A tabela II apresenta a quantidade de desvios observados na dicção, item por item e o total global. Também foram incluídos os postos, ocupados pelos sujeitos, em ordem descendente do número de desvios verificados.

**TABELA II - DESVIOS OBSERVADOS NA DICÇÃO
COM OS POSTOS RESPECTIVOS**

SUJEITOS	DESVIOS					POSTO
	CLAREZA	OMISSÃO	INSERÇÃO	TROCA	TOTAL	
1	02	04	02	02	10	12
2	02	03	-	-	05	2
3	01	01	04	02	08	9
4	01	03	-	03	07	6
5	-	02	-	03	05	2
6	05	04	02	09	20	19
7	01	02	03	03	09	10
8	01	03	07	03	14	14
9	-	01	03	02	06	4
10	01	-	03	02	06	4
11	-	02	02	03	07	6
12	02	02	01	02	07	6
13	-	06	03	06	15	15
14	02	02	03	03	10	12
15	-	02	06	07	15	15
16	-	01	05	03	09	10
17	-	03	07	05	15	15
18	04	02	09	11	26	20
19	-	-	-	03	03	1
20	04	04	01	07	16	18

O segundo componente corresponde ao ritmo, à cadência com que se lê. Nesse componente consideram-se, basicamente, as pausas, a velocidade, a duração e a intensidade. Para fins de detalhamento desse componente, discriminaram-se os seguintes aspectos:

- a) repetição ou correção: o leitor repete a palavra ou locução que julga não ter pronunciado bem;

- b) precipitação ou lentidão; é típico do leitor que tem dificuldade de sonorizar o texto, próprio de leitores principiantes;
- c) sílabação; a dificuldade encontrada na recodificação normal do material gráfico leva o leitor a soletrar sílaba após sílaba em vez de produzir palavras como unidades de significado;
- d) intensidade e duração; é atitude típica de leitor que não entende o que lê; topicaliza erradamente, acentua inadequadamente as palavras, não faz a devida distinção entre informação dada e informação nova;
- e) Pausas. Tomaram-se como critério as classificações de pausas apresentadas por Luft (1987) e Câmara (1985). Com respaldo nesses dois autores, foram adotados dois tipos de pausas: as pausas internas, em que a voz fica em suspenso, de curta duração, e as pausas finais, efetivamente assinaladas e de duração mais prolongada. Observaram-se omissões, inserções e trocas.

Os dados levantados para esse componente encontram-se na tabela III.

**TABELA III - DESVIOS OBSERVADOS NO COMPONENTE
RITMO COM OS POSTOS**

SUJEITOS	DESVIOS						POSTO
	REPET	PRECIP	SILAB	ITENS	PAUSAS	TOTAL	
01	04	05	-	06	32	47	1
02	07	05	-	08	44	64	9
03	08	02	-	07	43	60	6
04	08	10	03	09	61	91	20
05	18	04	-	07	50	79	14
06	37	12	02	10	76	137	25
07	08	06	01	08	50	73	12
08	13	04	01	07	58	83	16
09	02	02	01	09	46	60	6
10	16	07	-	08	66	97	22
11	05	03	01	08	38	55	4
12	04	01	-	08	41	54	3
13	12	02	01	05	31	51	2
14	10	01	01	08	41	61	8

15	12	15	04	08	77	116	23
16	09	01	-	06	42	58	5
17	13	08	01	08	49	79	14
18	45	18	03	09	76	151	26
19	13	03	01	08	61	86	18
20	09	10	01	08	56	84	17

A entonação corresponde à modulação, à linha melódica da voz. Para a operacionalização dessa variável, foi utilizada a classificação dos tons apresentada por Luft (1987): tom grave, tom agudo e tom médio - tom predominante da frase. No levantamento de dados referentes à entonação, depois de ter sido traçada uma linha melódica para a leitura padrão e outras tantas para cada leitura dos sujeitos, compararam-se as linhas melódicas de cada leitor com a linha melódica padrão e registraram-se os desvios. Os dados desse levantamento e os respectivos postos ocupados pelos sujeitos, em ordem ascendente do número de desvios, encontram-se na tabela IV.

TABELA IV - DESVIOS OBSERVADOS NA ENTONAÇÃO COM OS RESPECTIVOS POSTOS

SUJEITOS	DESVIOS	
	OCORRÊNCIAS	POSTOS
01	133	6
02	147	8
03	132	5
04	167	13
05	160	12
06	189	20
07	151	9
08	169	15
09	141	7
10	179	18
11	126	3
12	152	10

13	115	1
14	124	2
15	167	13
16	129	4
17	158	11
18	171	16
19	171	16
20	183	9

A tabela V apresenta a soma dos desvios observados no ritmo e na entonação, e a ordenação ascendente dos sujeitos em relação à ocorrência dos desvios.

TABELA V - SOMA DOS DESVIOS OBSERVADOS NO RITMO E NA ENTONAÇÃO

SUJEITOS	SOMA DOS DESVIOS	
	OCORRÊNCIAS	POSTOS
01	180	2
02	211	9
03	192	6
04	258	16
05	239	13
06	226	11
07	224	10
08	252	14
09	201	7
10	276	18
11	181	3
12	206	8
13	166	1

14	185	4
15	283	19
16	187	5
17	237	12
18	322	20
19	257	15
20	267	17

Uma vez levantados e computados, os dados da compreensão e da leitura oral expressiva receberam um tratamento estatístico no intuito de avaliar as hipóteses. O tratamento estatístico consistiu no cálculo dos diversos coeficientes de correlação em jogo. Na tabela VI, foram agrupados os postos ocupados por cada sujeito na compreensão da leitura e nos diversos componentes da leitura oral expressiva. Essa tabela permite uma visão antecipada dos graus de correlação.

A tabela VII traz os coeficientes de correlação entre os escores de compreensão e os escores dos diversos componentes da leitura oral expressiva. Esses dados permitem avaliar as três hipóteses colocadas para a presente investigação.

TABELA VI - POSTOS DOS SUJEITOS DENTRO DAS DIVERSAS VARIÁVEIS ANALISADAS

SUJEITO	POSTO				
	COMPREENSÃO	DICÇÃO	ENTONACÃO	RITMO	ENT+RITMO
01	2	12	6	1	2
02	11	2	8	9	9
03	8	9	5	6	6
04	14	6	13	16	16
05	16	2	12	11	13
06	5	19	20	19	11
07	11	10	9	10	10
08	14	14	15	13	14
09	8	4	7	6	7

10	19	4	18	17	18
11	7	7	3	4	3
12	8	6	10	3	8
13	1	15	1	2	1
14	5	12	2	8	4
15	20	15	13	18	19
16	3	10	4	5	5
17	4	15	11	11	12
18	18	20	16	20	20
19	16	1	16	15	15
20	11	18	19	14	17

TABELA VII - COEFICIENTES DE CORRELAÇÃO ENTRE COMPREENSÃO E LEITURA ORAL EXPRESSIVA

CORRELAÇÕES	COEFICIENTES
r DC	-.2081
r EC	.6330 **
r RC	.7307 **
r (E+R) C	.8612 **
Valores críticos	.05 = .4438 .01 = .5140

O coeficiente de correlação entre a compreensão e o componente dicção da leitura oral expressiva é -.2081. Considerando que o valor crítico, para o nível de significância de cinco por cento, é .4438, concluímos que, efetivamente, o componente dicção não constitui elemento indicador de compreensão. Com esses dados, a primeira hipótese fica corroborada. A segunda hipótese afirma existir uma correlação positiva entre compreensão e os componentes de ritmo e entonação, tomados separadamente. A tabela VII nos apresenta o coeficiente .6330 para a entonação e .7307 para o ritmo. Considerando o valor crítico de .5140 no nível de significância de um por cento, verifica-se que tanto um quanto outro ostentam uma correlação positiva, o que corrobora a hipótese em pauta. O ritmo apresenta-se mais intimamente correlacionado com a compreensão do que a entonação.

A terceira hipótese é avaliada através do coeficiente de correlação

entre compreensão e a soma dos escores de ritmo e entonação. Esses escores apresentam um coeficiente de correlação de .8612. Visto esse coeficiente ser positivo, conclui-se por uma correlação positiva. Além de situar-se acima do valor crítico, no nível de um por cento, essa correlação pode ser considerada forte. Comparada com os dados da segunda hipótese, também se verifica que a soma dos componentes ritmo e entonação correlaciona-se mais intimamente com a compreensão do que cada um desses componentes, tomados separadamente, o que corrobora a terceira hipótese.

Para uma visão mais holística da realidade aqui estudada, elaborou-se o Gráfico 1 que ilustra a comparação das correlações estabelecidas entre a ordem dos vinte sujeitos no desempenho em leitura e a ordem dos mesmos sujeitos no desempenho dos seguintes componentes da leitura oral expressiva: dicção (D), entonação (E), ritmo (R) e a soma de ritmo e entonação (R + E). A linha horizontal (abscissa) corresponde à variável compreensão; a vertical (ordenada) representa os números de ordem de cada sujeito quanto aos componentes da leitura oral expressiva.

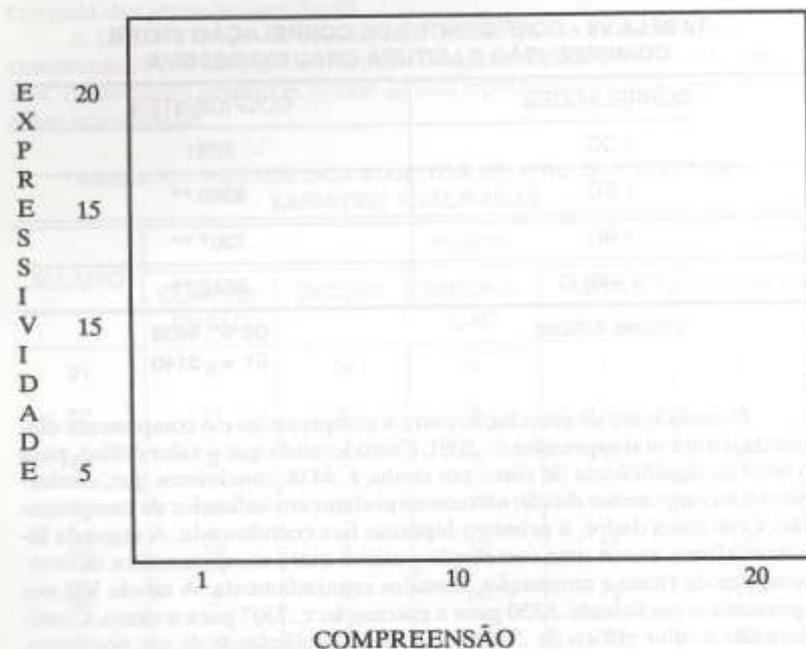


FIGURA 1 - Gráfico das correlações estabelecidas entre compreensão e leitura oral expressiva.

5. OBSERVAÇÕES FINAIS

A leitura oral expressiva realmente constitui um indicador de compreensão textual. O leitor, para emprestar a devida expressividade a sua leitura, para oportunizar, a um ouvinte de sua leitura, construir o verdadeiro sentido do texto com o qual esse ouvinte não tem contato direto, deve compreender o texto.

Analisando os achados da pesquisa verificamos que esses resultados são realmente bastante lógicos. A dicção, embora constitua um componente da expressividade, está mais relacionada com a recodificação do que com a decodificação. É claro que uma má dicção é variável importante na construção do sentido por parte de um ouvinte mas não está relacionada com a construção do sentido por parte do leitor (desconsiderado o tempo necessário para essa construção).

Quanto aos componentes ritmo e entonação verificou-se não existir uma grande diferença entre os coeficientes que eles estabelecem com a compreensão. Isso tem uma explicação no próprio fato de, em certas instâncias, ficar difícil ou até impossível separar elementos de um com elementos de outro como acontece, por exemplo, com a entonação, a intensidade e a duração. Explica-se que a entonação e o ritmo se relacionam mais fortemente com a compreensão do que a dicção porque são elementos ligados à decodificação.

Os estudos aqui relatados trazem evidências para a afirmação do inter-relacionamento entre leitura e escritura. Leitura e escritura, embora constituam processos fisiologicamente bem distintos, psicologicamente representam duas realidades convergentes do mesmo processo cognitivo. A recepção constitui a imagem refletida daquilo que acontece na produção. A codificação e a decodificação constituem direções opostas de uma mesma trajetória.

Essa associação entre leitura e escritura pode ser analisada sob diversos ângulos, dois dos quais interessaram sobremancira no presente estudo.

- a - O ponto de partida da escritura corresponde ao ponto de chegada ao da leitura: o sentido;
- b - existem convenções sociais que condicionam leitores e escritores reciprocamente.

A hipótese geral da pesquisa era a relação entre leitura oral expressiva e compreensão. Operacionalmente essa hipótese teve direcionamentos diferentes: de um lado, a leitura oral expressiva constitui um fator facilitador da compreensão; do outro lado, e foi esta a direção seguida, a leitura oral expressiva constitui um indicador de compreensão. A primeira direção afirma existir uma relação de causa/efeito entre as duas variáveis. Essa direção, como não ficou analisada no presente estudo, seria conveniente que fosse retomada numa futura pesquisa. Por meio de um experimento, poderiam ser

trazidas evidenciam para a relação causa/efeito. O uso de atividades específicas para melhorar a leitura oral expressiva facilitaria a compreensão de textos escritos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLIENDE, Felipe & CONDEMARÍN, Mabel (1987). *Leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- BUENO, Francisco da Silveira (1959). *Manual de caligrafia, califonia, calírritmia e arte de dizer*. 5. ed. São Paulo: Saraiva.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso (1985). *Manual de expressão oral e escrita*. 8. ed. Petrópolis: Vozes.
- CLARK, Herbert H. & HAVILAND, Suzan E. (1977). Comprehension and the given-new contract. In: Roy D. Freedle (ed.), *Discourse production and comprehension*. Hillsale (New Jersey): Lawrence Erlbaum Associates, p. 1 - 40.
- GOODMAN, Kenneth S. (1976). Reading: a psycholinguistic guessing game. In: Harry Singer & Robert Ruddell, (eds.), *Theoretical models and processes of reading*. Newark: International Reading Association, p. 497 - 508.
- GRICE, H. P. (1975). Logic and conversation (lecture 2). In P. Cole & J. L. Morgan (eds.), *Studies in syntax* (Vol. 3). New York: Seminar Press.
- LORENCEAU, Annette (1980). La ponctuation au XIX siècle. Georges Sand et les imprimeurs. *Langue Française*, 45: 50-60.
- LUFT, Celso Pedro (1987). *Novo Manual de Português*. 2. ed. Rio de Janeiro: Globo.
- PASQUETTI, Mara Gonçalves (1992). *Leitura e escrita: como a conscientização da pontuação se reflete numa leitura mais compreensiva*. Porto Alegre: PUCRS. Dissertação de Mestrado.
- POERSCH, José Marcelino (1991). Por um nível metaplícito na construção do sentido textual. In J. M. Poersch (ed.), *Implicações da Psicolinguística nos processos de produção e recepção do código escrito*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 127 - 143.
- POERSCH, José Marcelino e AMARAL, Marisa Porto do. (1989). Como as categorias textuais se relacionam com a compreensão em leitura. *Veritas*, 35(133): 77-89.
- SMITH, Frank (1983). Reading like a writer. *Language Arts*, 60(5): 558-567.
- SMITH, Marisa Magnus (1991). *Pontuação - uma questão de leitura*. Porto Alegre: PUCRS. Dissertação de Mestrado.